

Organizadores:

Neila Barbosa Osório | Luiz Sinésio Silva Neto | Glauce Gonçalves da Silva Gomes

Autor: Agostinho Quintino Batista



**A Universidade da Maturidade e
Professora Neila Osório: narrativas
pelo olhar do caboclo marajoara
Agostinho Quintino**

Organizadores:
Neila Barbosa Osório | Luiz Sinésio Silva Neto | Glauce Gonçalves da Silva Gomes
Autor: Agostinho Quintino Batista



**A Universidade da Maturidade e
Professora Neila Osório: narrativas
pelo olhar do caboclo marajoara
Agostinho Quintino**

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Capa

Glauce Gonçalves da Silva Gomes

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

A Universidade da Maturidade e Professora Neila Osório: narrativas pelo olhar do caboclo marajoara Agostinho Quintino

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Neila Barbosa Osório
 Luiz Sinésio Silva Neto
 Glauce Gonçalves da Silva Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
U58	<p>A Universidade da Maturidade e Professora Neila Osório: narrativas pelo olhar do caboclo marajoara Agostinho Quintino / Organizadores Neila Barbosa Osório, Luiz Sinésio Silva Neto, Glauce Gonçalves da Silva Gomes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0868-0 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.680220212</p> <p>1. Cultura popular. 2. História oral. I. Osório, Neila Barbosa (Organizadora). II. Neto, Luiz Sinésio Silva (Organizador). III. Gomes, Glauce Gonçalves da Silva (Organizadora). IV. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 363.69</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná – Brasil
 Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

AGRADECIMENTOS

Sou grato a todos meus colegas da universidade da maturidade, sou grato aos professores, os coordenadores e a minha família. Sou devoto de Nossa Senhora, agradecido por levar meus pedidos ao Pai.

Na minha trajetória de vida tinha três coisas que eu queria realizar: escrever um livro, ter uma família e estudar numa universidade.

Muitas vezes a fé não dominava a força eu pensava desistir mas minhas orações me davam força eu continuava meu sonho, certo dia eu olhava a família maravilhosa que Deus me deu, só faltava escrever o livro até que escrevi uma cartilha com 60 páginas, lancei em Belém do Pará, o último desejo era quase impossível na cidade que morava não tinha universidade mas Deus pede sempre pra não desistir e foi num passo de mágica que eu cheguei em Palmas Tocantins, depois a universidade do idoso passado dias eu já contava história na aula da professora até o dia que ela me chamou pra escrever suas aulas depois de ouvir, obrigada professora Neila Barbosa Osório por confiar em mim.

Antecipo meus agradecimentos a todos e a todas que irão ler o meu livro. Minha eterna gratidão por esta grande professora, que deixou eu nos pilares da imaginação contando os poemas da vida falando de um amor que nunca acaba velhos de perto e velhos longe, todos amados por Neila Barbosa Osório.

APRESENTAÇÃO

Aqui temos mais uma história de um Ipê Amarelo, sim o com poder da resiliência, os Ipês florescem e encantam demonstrando todo o seu potencial. Em Palmas, Tocantins a Universidade da Maturidade – UMA, há 16 anos vem fazendo histórias, essa é mais oportunidade sendo registrada.

Diante de uma perspectiva de resgate e valorização humanitária, a cada dia estamos impactando vidas, que se transformam ou podemos dizer desabrocham como os Ipês, atuando como “Tecnologia Social e Educacional”. Com Projeto Político Pedagógico estruturado para atendimento da pessoa idosa, a Universidade Federal do Tocantins por meio da UMA, este projeto de Extensão vai muito além do ensino técnico profissionalizante, as pesquisas desenvolvidas aqui em nossa Casa Amarela, vem resgatando vidas.

Em destaque nosso querido acadêmico Agostinho Quintino, poeta popular, indígena e velho, protagonista de sua própria história, vencendo as dificuldades e somando mais esta conquista, ter oportunidade de mostrar o seu talento Brasil a fora.

Desta forma o nosso trabalho tem que continuar para que muitas outras obras e oportunidade venham se criar, não é o Agostinho, João ou a Maria, somos nós que aprendemos todos os dias com essas trocas de **experiências** associada a **pesquisa** e ao **ensino**, aqui só tem porta de entrada, e cada nova turma, novos acadêmicos, levamos nossa proposta e trazemos um pouquinho deles para nossas vidas. Tudo isso é possível porque um dia, sonhamos acreditamos ser capazes, eu me orgulho das boas práticas e dos depoimentos que tenham suas vidas transformadas. Faço a você um convite a essa leitura e imersão nas palavras de Agostinho Quintino.

Dr.^a Neila Barbosa Osório.

QUEM É O ACADÊMICO AGOSTINHO

Agostinho Quintino Batista, seringueiro da ilha do Marajó aos 07 anos de idade aprendeu ler e escrever sem ter ido na escola, após já fazer manuscritos, eu escrevia, mas não lia, minha irmã 6 anos mais velha Carmina de Sena Batista, quem me ajudou a prender a ler, pronto nunca mais parei, aos 09 anos começou escrever a história do seu povo os caboclos marajoaras riscou seringueira até os 35 anos já casado pai de 05 filhos, muitos cadernos cheios de história algumas pinturas em quadros. Casado com Leoneide Pessoa Batista, pai de cinco filhos: Moisés Pessoa Batista, Maria Margarida Pessoa Batista, Miguel Pessoa Batista, Marta Pessoa Batista e Messias Pessoa Batista

Ressaltando a cultura do seu povo lançou seu primeiro livro “Lendas Marajoara” com 70 anos foi estudar na UMA, Eu foi bem recebido por esta grande professora e seu filho, disse Agostinho me perguntaram da onde eu vim eu respondi meu sangue é indígena na Amazônia eu era chamado de Ajuricaba, pela minha coragem Ajuricaba foi um índio guerreiro que virou lenda quando morreu.



Agostinho Quintino Batista

PREFÁCIO

Com o objetivo de conhecer o processo de envelhecimento do ser humano para oferecer na promoção do sujeito que envelhece e provocar transformações sociais na conquista de uma velhice ativa e digna embasado no Estatuto do Idoso, o Colegiado de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins (UFT) aprova a elaboração do programa de extensão- Universidade da Maturidade (UMA). Assim a UMA nasce dia 26 de fevereiro de 2006, com a aula Magna realizada no auditório do SENAC em Palmas, com 350 inscritos concorrendo a 50 vagas apenas.

A Universidade da Maturidade (UMA) – programa de extensão da Universidade Federal do Tocantins (UFT) é uma proposta pedagógica, voltada à melhoria da qualidade de vida da pessoa adulta e dos idosos, e visa à integração dos mesmos com os acadêmicos de graduação, identificando o papel e a responsabilidade da Universidade em relação às pessoas da terceira idade.

É um espaço de convivência social de aquisição de novos conhecimentos voltados para o envelhecer sadio e digno e, sobretudo na tomada de consciência da importância de participação do idoso na sociedade enquanto sujeito histórico.

A nossa política de atendimento à Vida Adulta e ao Envelhecimento Humano tem por missão desenvolver uma abordagem holística, com prioridade para a educação, a saúde, o esporte, o lazer, a arte e a cultura, concretizando, desta forma um verdadeiro desenvolvimento integral dos acadêmicos, buscando uma melhoria da qualidade de vida e o resgate da cidadania.

A Universidade da Maturidade esteve presente em Tocantinópolis, Miracema e Região, Gurupi, Brejinho de Nazaré e Arraias, também em Campina Grande – Paraíba, além da Universidade Federal do Paraná, Universidade do Amapá e Universidade de Brasília. Atualmente possui polos em Araguaína, Dianópolis, paraíso o Tocantins, Luzimangues Palmeirópolis, Palmas e Porto Nacional. Em outros estados estamos na Bahia em Barreiras e Mato Grosso do Sul em Cuiabá.

Este livro são relatos de um apaixonado por artes e pela defesa da igualdade, Agostinho desde muito cedo teve que aprender muitas coisas, e uma delas foi sobreviver, viveu muitos anos na Ilha do Marajó, e aprendeu a ler e escrever sem frequentar uma escola, sua inspiração para falar do seu povo e de suas artes não atendem a padrões de normas cultas, o que faz seu estilo ainda mais encantador, este é nosso convite viagem com a gente nas lendas e histórias deste marajoara. Agostinho Quintino Batista.

Neila Barbosa Osório e Luiz Sinésio Neto¹

¹ **Luiz Sinésio Neto** Doutor em Ciência Tecnologias e Saúde pela Universidade de Brasília, Professor Titular da Universidade Federal do Tocantins e **Neila Barbosa Osório**, Doutora em Ciência do Movimento Humano pela Universidade Federal de Santa Maria, Professora da Universidade Federal do Tocantins

APRESENTAÇÃO

Aqui temos mais uma história de um Ipê Amarelo, sim o com poder da resiliência, os Ipês florescem e encantam demonstrando todo o seu potencial. Em Palmas, Tocantins a Universidade da Maturidade – UMA, há 16 anos vem fazendo histórias, essa é mais oportunidade sendo registrada.

Diante de uma perspectiva de resgate e valorização humanitária, a cada dia estamos impactando vidas, que se transformam ou podemos dizer desabrocham como os Ipês, atuando como “Tecnologia Social e Educacional”. Com Projeto Político Pedagógico estruturado para atendimento da pessoa idosa, a Universidade Federal do Tocantins por meio da UMA, este projeto de Extensão vai muito além do ensino técnico profissionalizante, as pesquisas desenvolvidas aqui em nossa Casa Amarela, vem resgatando vidas.

Em destaque nosso querido acadêmico Agostinho Quintino, poeta popular, indígena e velho, protagonista de sua própria história, vencendo as dificuldades e somando mais esta conquista, ter oportunidade de mostrar o seu talento Brasil a fora. Na organização desta obra levamos em consideração a essência de um escritor que não frequentou a escola, não tem domínio da norma culta da Língua Portuguesa, torna este livro muito mais atrativo, assim fizemos uma transcrição do seu relato na primeira pessoa do autor.

Desta forma o nosso trabalho tem que continuar para que muitas outras obras e oportunidade venham se criar, não é o Agostinho, João ou a Maria, somos nós que aprendemos todos os dias com essas trocas de **experiências** associada a **pesquisa** e ao **ensino**, aqui só tem porta de entrada, e cada nova turma, novos acadêmicos, levamos nossa proposta e trazemos um pouquinho deles para nossas vidas. Tudo isso é possível porque um dia, sonhamos acreditamos ser capazes, eu me orgulho das boas práticas e dos depoimentos que tenham suas vidas transformadas. Faça a você um convite a essa leitura e imersão nas palavras de Agostinho Quintino.

Dr.^a Neila Barbosa Osório.

SUMÁRIO

RESUMO	1
ABSTRACT	2
UM ÍNDIO DA AMAZÔNIA QUE VESTIU A CAMISA DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE – UMA E FOI CONTAR HISTÓRIA PARA SEUS COLEGAS	3
GERONTÓLOGA NEILA BARBOSA LEVA ÍNDIO PARA CONTAR HISTÓRIA NAS AULAS DELA E DOS PROFESSORES DA UMA	4
UM POUCO DO MEU PASSADO.....	5
O ACADÊMICO QUE AOS 70 ANOS DE IDADE FOI ESTUDAR NA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE, ESCREVEU POEMAS DA VIDA E DE SUA PROFESSORA QUE ELE HOJE CHAMA RAINHA DA UMA	8
OS FLECHES DA VIDA DE UMA PROFESSORA QUE SÓ QUER AJUDAR	9
AS AULAS NA UMA INSPIRAM CONSTRUÇÃO POÉTICA.....	11
MINHAS HISTÓRIAS DO TEMPO QUE MORAVA SÓ NAS MATAS CONTADAS NAS AULAS DA DOTOURA NEILA.....	13
FOI NAS AULAS DA PROFESSORA NEILA QUE REESCREVI A HISTÓRIA DO BOI DIAMANTE.....	17
O COMEÇO DA HISTÓRIA BUMBA.....	18
HISTÓRIA DE JOANE (ILHA DO MARAJÓ) NA PROFECIA DE BANDARRA	19
LIVRO OS POEMAS DA VIDA	20
CONTANDO POTOCAS	29
AGOSTINHO E A ARTE EM SUA VIDA.....	30
REFERÊNCIAS	32
LENDA DA SAMAÚMA.....	44

RESUMO

Este livro são relatos de um apaixonado por artes e pela defesa da igualdade, Agostinho desde muito cedo teve que aprender muitas coisas, e uma delas foi sobreviver, viveu muitos anos na Ilha do Marajó, e aprendeu a ler e escrever sem frequentar uma escola, sua inspiração para falar do seu povo e de suas artes não atendem a padrões de normas cultas, o que faz seu estilo ainda mais encantador, nas suas palavras temos seu registro de como foi conhecer e conviver com a professora Dr.^a Neila Osório e as aulas na Universidade da Maturidade – UMA.

PALAVRAS-CHAVE: MATURIDADE - VELHO - ÍNDIO - MARAJOARA - ARTE - CULTURA POPULAR.

ABSTRACT

This book is the report of a passionate about the arts and the defense of equality, Agostinho from a very early age had to learn many things, and one of them was to survive, he lived many years on Marajó Island, and learned to read and write without attending school, her inspiration to talk about her people and her arts do not meet the standards of cultured norms, which makes her style even more charming, in her words we have her record of what it was like to meet and live with Professor Dr. Neila Osório and the classes at the University of Maturity – UMA.

KEYWORDS: MATURITY - OLD - INDIAN - MARAJOARA - ART - POPULAR CULTURE.

UM ÍNDIO DA AMAZÔNIA QUE VESTIU A CAMISA DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE – UMA E FOI CONTAR HISTÓRIA PARA SEUS COLEGAS

Como eu conheci a Universidade da Maturidade –UMA

Quero iniciar nosso livro contando a história destes grandes professores, eu que tinha acabado de lançar um livro, “Lendas Marajoara”, “estilo canoa”¹, a promessa era um livro com 1000 cópias, saiu uma cartilha com 50% do que eu mandei e só 300 cópias, eu ia parar de escrever pela dificuldade que encontrei.

Eu ainda era do Conselho do idoso em Palmas estava numa reunião, o então reitor da UFT Arlan Barlieiro, em companhia de um jovem eu conhecia, o reitor foi até ele que me apresentou Luiz Neto, logo puxamos conversa, ele me convida para estudar na UMA (UNIVERSIDADE DA MATURIDADE). Cheguei em casa falei para família, estou em dúvida ele é muito jovem minha filha, mas velha que estava na universidade disse ouço falar muito bem deste jovem, e foi assim que cheguei na UMA o resta da história você vai conhecer lendo este livro.



Agostinho contando histórias e poesias durante as aulas, muitas vezes fora da sala de aula, aproveitamos todos os ambientes favoráveis.

¹ Estilo canoa, o autor se refere a um tipo de encadernação estilo brochura.

GERONTÓLOGA NEILA BARBOSA LEVA ÍNDIO PARA CONTAR HISTÓRIA NAS AULAS DELA E DOS PROFESSORES DA UMA

Em uma das tardes de aula na UMA, eu falava na aula da professora Neila Barbosa, a professora saiu me deixa contando minha história, não foi fácil falar para meus colegas, eu estava pela primeira vez em uma universidade como acadêmico.

Resolvi então escrever um livro falando das matas existentes na Ilha do Marajó, e outros lugares na Amazônia, eram matas virgens, que até os anos 40 descia as áreas fluviais dos rios da Amazônia um destes é a baía do Marajó. Aí eu pensei, você vai ler um livro diferente, é uma literatura universal, porque fala de um universo onde as pessoas indígenas acreditam em seres sobrenaturais, vindo do universo contemporâneo por que até hoje tem muita gente que acreditam.

Até os meus 40 anos, 30 deles foram vividos próximos aos povos indígenas, esta gente povo de cultura singular, e com uma literatura popular, por que fala de um povo misto: índio, negro, cafuzo, mulato e caboclo, os costumes tupinambás mas o foco das histórias é a era da borracha um manejo nas matas virgens que não poluem o meio ambiente, a área dos seringais, mata virgem chegava até os igarapés afluente da baía do Marajó, mas o governo e os latifundiários em vez de formar este povo que era 80% analfabeto, o que era o dever de cada um deles eles esquecem, e fazem dos povos seus escravos o poder em fazer pelas matas da Amazônia.

Nas matas que aprendi o jeito de estudar escrever nas árvores com a lâmina de riscar seringueiras no fogão a lenha da minha mãe com pedaços de carvão nas praias com conchas deixadas pelos gaviões mortos de fome, era uma experiência vivida por um menino que aprendeu ler e escrever nos seringais e nas praias desta querida Ilha do Marajó, mas não foi só com meu jeito de criança que hoje escrevo as minhas histórias, quando jovem participei de aprendizados em cursos tais como: museologia, biblioteca, meio ambiente, literatura e conversas com escritores e fotógrafos, este livro foi feito com o conhecimento de um filho da terra, um jovem Amazônico que sonhava ser grande, ser representante das artes de várias formas, ser poetas, escritor, fotografo analista pesquisador botânico em fim, este velho seringueiro que passou anos escrevendo, descreve assim, com frases retóricas poéticas o meu jeito caboclo de contar minha história.

UM POUCO DO MEU PASSADO

Meu pai, minha vó, meu avô que morreram antes mesmo de eu nascer, só me restaram as histórias que minha mãe contava, e ela quando partiu deixou um legado de histórias dos nossos ancestrais, acredito que ela tenha sido a minha fonte de inspiração.

Eu tinha 26 anos e já sabia um pouco do sobrenatural desta querida Ilha de Marajó, o qual sou um admirador. Minha mãe de quem orgulho em dizer, que foi uma contadora de histórias, ela que na sua trajetória de vida conviveu com idosas negras, vindas das grandes casas das senhoras portuguesas e com estas negras mães aprendeu muito.

Ela que escutava as leituras do seu tio Manoel Caldas Batista, com quem ela aprendeu muitas histórias, minha mãe é uma das pessoas mais lembrada neste livro. Maria de Sena Batista, descendente do nosso povo indígena que acredito ser os Aruã, povo este que tenho orgulho de dizer sou descendente.

Quando nasci mãe que era uma devota de Maria santíssima pediu proteção a santa, cujo a imagem estava em frente à sua rede. Tive alguns tropeços na vida, aos 7 anos cobra me mordeu, foram 3 anos de sofrimento em minha vida, mas antes, quando eu tinha 3 anos estava sozinho andando na casa e cai na água, por sorte em cima de um monte de lixo até alguém me achar boiado na maré.

Na continuação do livro você vai conhecer as histórias deste menino sem pai, que nasceu no dia do nascimento de santo Agostinho, eu comecei minha luta pela vida aos 15 anos de idade, quando criamos o grupo em defesa dos seringueiros, contrariando os donos das terras que mandaram minha mãe sair de suas terras, eu era um adolescente que sonhava com uma sociedade com direitos iguais.

Aos 16 anos viajei para outro lado do Amazônia, longe do Marajó o então Território do Amapá foi extrair castanha do Para, lá me juntei com outros grupos, de trabalhadores que já pensavam na criação de um grupo pra defender os seringueiros, no verão quando começa a extração da borracha eu ajudei meus colegas na defesa dos seringueiros a criação do Conselho Nacional dos seringueiros no Acre, junto com Chico Mendes e outros, foi meu erro, depois que corri do Acre, passei por muitos lugares, voltei ao Amapá morei dois anos numa aldeia no então território do Amapá, na qual lutei pelos direitos dos índios, no Jari junto os castanheiros e seringueiros lutamos juntos pelos direitos dos quebradores de castanha e extração de balata, que sempre foi um trabalho desordenado, o nosso movimento não agradou os donos da terra.

Voltei a minha terra natal o Marajó, chegando soube de uma integração social, SEBRAE que eu podia participar, vi que era a oportunidade de fazer algo em favor do nosso povo os Marajoaras, me escrevi participei do curso de Formação empreendedora pelo SEBRAE juntos com outros colegas criamos um grupo Plano de educação profissional do Marajó, conveníamos ao (PEP) PLANO DE EDUCAÇÃO DO PARÁ.

Fui convidado a trabalhar como fiscal da sede de Muaná no qual passei 10 anos, mas antes tinha trabalhado como cantineiro numa fábrica de laticínio na qual passei 03 anos, os anos passaram, sai do emprego sem muita coisa a fazer entrei para o mundo da literatura com um pequeno patrocínio de um político lancei meu primeiro livro pelo “Pan amazônico”¹, do livro recebi homenagem como contador de história sobrinho do escritor índio Darcidio Jurandir, seu nome é José Varela, com a seguinte frase: “Quando o talento de um artista está associado a sua experiência de vida a beleza de sua obra torna-se maior ainda”,

Entre para GDM Grupo em Defesa do Marajó, conheci o fundador do movimento ele estava agora no turismo Jose Varela Filho de um aprendiz de música e sobrinho do índio escritor Dalcídio Jurandir, ele me levou para conhecer a direção do IBAMA, passei ser um voluntario no município de Muaná, juntos lutamos pela não divisão do Marajó, e vencemos, contrariando políticos paguei caro, perdi meu emprego.

Meus filhos eram passarinhos com asas que começavam voar, se mudaram para a capital do Tocantins, Palmas com uma parte da minha Família, só ficando em Muaná, eu minha esposa e um filho criança, depois de alguns tempo me mudei também a esperança de uma vida melhor.

Sempre nessa perspectiva de atuação em grupos comunitários, chegando em Palmas, foi logo convidado a participar da oficina implantação gestão e organização dos museus, Plano Museológico, também passei a participar de um grupos de idosos atuante no TÊNIS SESC, fiz parte do grupo vida ativa, como voluntário passei a dar aula de Arte para criança do projeto infantil em 2010, ganhei o prêmio do COEP REDE NACIONAL DE MOBILISAÇÃO SOCIAL, Betinho Atitude cidadã por participação nos CRAS.

Entre na UMA, Com 70 anos nunca tinha estudado numa escola só participado de movimentos, lá participei do projeto formando novos poetas foi o primeiro colocado em Palmas e o décimo quarto no Brasil, com ajuda dos meus professores participei de outros movimentos, como XIV FÓRUM nacional de coordenadores da terceira idade, primeiro seminário multiprofissional envelhecendo com dignidade decima jornada de estudos e pesquisa sobre envelhecimento humano, também recebi certificado da escola Municipal Professora Sávia Fernandes Jácome, por dirigir com seus acadêmicos a peça a lenda do Guaraná e a dança do Carimbó.

Com desejo de continuar minha trajetória literária, queria escrever mas um livro não tinha dinheiro para os custos, então resolvi buscar um meio para arrecadar o valor, resolvi coletar latinhas de alumínio, um total de 700 quilos de latinhas, deu pra pagar os custos, não sou político mas fiquei com vontade de dar a minha colaboração na dinâmica

1 Pan-amazônicas - É uma organização não governamental, com sede em Manaus, com a missão de promover o ideal da integração e cooperação pan-amazônicas como instrumento para o desenvolvimento econômico regional, por meio da promoção de ideias e de uma agenda liberal para a Amazônia.

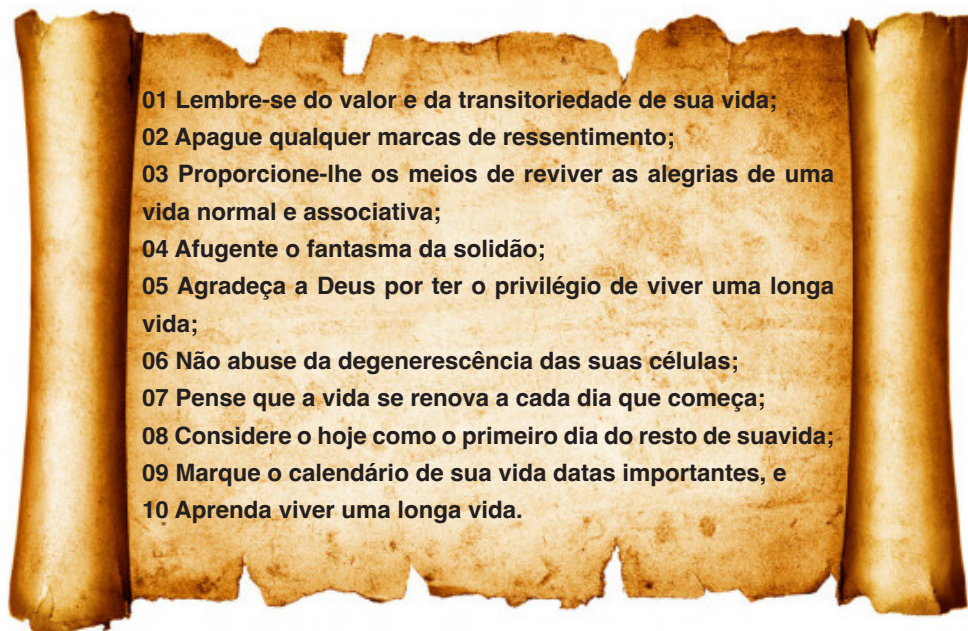
atual administração do prefeito de Palmas sua equipe, gostei da coragem de um jovem Vereador Tiago Andrino, que se determinou falar em meu nome, a este meu muito obrigado, é também a todos os nobre vereadores que lutam pela educação saúde meio ambiente e cultura desta querida cidade Palmas.

Sou um velho contemporâneo aprendi que a idade é algo que vai crescendo junto com a gente, como num jardim cresce uma flor sei que uma criança, mesmo tendo vivido um pouquinho já sabe que vai ficar velho, por que mesmo nas manhãs lindas nós já pensamos na tarde.

Foi pensando no amanhã da minha família e na família de tantos que resolvi escrever inúmeras histórias da Amazônia, conquistei prêmio com Certificado ao Mérito Embaixador Histórico da Amazônia do museu Dalcídio Jurandir. Pretendo escrever o livro “Memória de um Seringueiro”, como embaixador da história do Marajó, são contos de uma vida contemporânea vividas por um menino que aprendeu tanto com os animais pássaros e passarinhos como ver a hora, água cheia água baixa, quando os seringais estavam bons para riscar, quando ia chover quando ia fazer verão, enfim, vivam amigo estas e mais fábulas.

O ACADÊMICO QUE AOS 70 ANOS DE IDADE FOI ESTUDAR NA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE, ESCREVEU POEMAS DA VIDA E DE SUA PROFESSORA QUE ELE HOJE CHAMA RAINHA DA UMA

Tivemos vários ensinamentos em nossas aulas, vale ressaltar os mandamentos que devemos ter em nossas cabeceiras e mente para não esquecer, são estes:



- 01 Lembre-se do valor e da transitoriedade de sua vida;
- 02 Apague qualquer marcas de ressentimento;
- 03 Proporcione-lhe os meios de reviver as alegrias de uma vida normal e associativa;
- 04 Afugente o fantasma da solidão;
- 05 Agradeça a Deus por ter o privilégio de viver uma longa vida;
- 06 Não abuse da degenerescência das suas células;
- 07 Pense que a vida se renova a cada dia que começa;
- 08 Considere o hoje como o primeiro dia do resto de sua vida;
- 09 Marque o calendário de sua vida datas importantes, e
- 10 Aprenda viver uma longa vida.

Neila escreve os 10 mandamento para o idoso atuante

OS FLECHES DA VIDA DE UMA PROFESSORA QUE SÓ QUER AJUDAR

Os poemas da vida desta grande Professora Neila Barbosa Osório, são flechas e expressões de sua vida uma professora com o conhecimento do passado contada pela sua mãe, uma jovem que encarou a gerontologia como um desafio contemporâneo até chegar ao Doutorado.

Sua prática veio do convívio com pessoas velhas, que até hoje ela faz questão de chamar meus velhos, a quinta turma de acadêmicos coloca a professora Neila num desafio de mostrar pra sociedade que pra se ter uma vida saudável tem que cuidar desde a infância.

Neila traz para sala de aula, diversas formas de conhecimento e parceiros, médicos com aulas preventivas e promotora de saúde, aborda fatos da independência e da autonomia da pessoa idosa, promovendo um envelhecimento saudável e de qualidade que respeito aos múltiplos setores da sociedade.

Neila vive ao lado de dois jovens, seus filhos, com caráter inabalável brilhante carreira na educação Brasileira e é com ajuda por seu filho Dr. Luiz Neto, os dois transformam as aulas numa liturgia de palavras, colocando em prática frases do apóstolo Paulo, não basta o conhecimento intelectual se nós não aplicarmos nossas aulas com amor, os professores já conhecem os avanços científicos sabem que o mundo lá fora como chamamos nos países desenvolvidos os velhos de lá sonha com uma vida mais longa.

Neila estuda novas práticas de educação para os idosos na área gerontologia, se tornou renomada profissional, agora o cenário nacional o melhor mundial eram outro, Neila sabe que os tempos mudaram a jovem sonhadora do passado agora tem um Doutorado e conhecida no Brasil todo, seus acadêmicos sabem que muitos avanços nos programas sociais e nas políticas públicas vem das suas aulas.

Neila interagem e passa a oferecer aulas com mas ações o velho passa a fazer aula de teatro, coral literatura, cordel arte com tala crochê arte plástica informática pensando na inclusão também tivemos professor de Libras, uma ação empreendedora que poderá levar o velho para o mercado de trabalho.

A professora Neila traz em sua proposta eram desafiadora, incentivar seus acadêmicos a conhecer outros lugares, ter experiências novas para muitos velhos, que vieram das matas do Cerrado, como eu e outros que não tiveram oportunidades de viajar pelo Brasil, agora aproveitam as excursões e congressos em diversos lugares.

Neila criou o programa intergeração por meio da UMA, numa perspectiva multidisciplinar que melhor se unem as necessidades contemporâneas, isso faz com que o velho reflita sobre o passado e o presente, seu sonho é uma nova geração de velhos, velhos se sentindo bem nas aulas de Neila Barbosa, até um índio que veio da ilha do Marajó na escola, teve

oportunidade em demonstrar sua arte de como virou cantor e escritor, passou a escrever poesia nas aulas da universidade.

AS AULAS NA UMA INSPIRAM CONSTRUÇÃO POÉTICA

Quando olhamos o rosto do índio que já passou dos 70 no rosto do índio velho esta as lembranças de um passado sofrido, a família aumentou desordenadamente nela se vê o peso e a marca de povo selvagem, antes de ir estudar na UMA conversei com uma família indígena.

Os velhos diziam somos discriminados desde que os brancos chegaram eles levaram nossa riquezas não respeitaram nossos costumes poluíram nossos rios derrubaram nossas matas, mataram nossos guerreiros, nos acusam de ser selvagens, nós estamos tentando levar nossos filhos para escola, mas moramos longe não conhecemos a vida da cidade.

Era a primeira vez que estudava numa escola, fiquei aleijado me criei longe da escola agora estava ali era grande a minha emoção alguns pingos de lágrimas saíram do meus olhos, escutei aplausos dos meus colegas a professora incentiva a continuar eu volto no tempo, voltei as lembranças na aldeia eu olhava o rosto daquela família em cada jovens o crianças era um povo alegre um povo que tinha fé, fé no seu Criador Tupã, fé na suas histórias contadas pelos seus avôs, fé na mamãe natureza.

Erámos um povo tímido com superstições, eles acreditavam que no fundo do mar tinha uma cidade diabólica e era de lá que vinha os demônios transformados em cobras, sereias e botos, todos eles se transformavam em gente, eram espiões do demônio.

Eles diziam que os dragões prenderam no fundo do mar Herondina Jarina Mariana as três princesas Turcas, elas estão prezas por que cada uma domina um povo branco negro e índio, elas contam com a ajuda do rei Sebastião esta história foi encontrado num livro: A Profecia de Bandarra, o poeta publicou no ano 1603 reproduzida pelo padre Antônio em 1644. Padre Antônio era aliado dos 05 tuxaua da ilha do Marajó o padre alfabetizou alguns índio isso causou a sua ida de volta a Portugal, ele deixa o livro com os Aruãs, isso causou suas extinções mas os que sabiam ler espalharam a profecia nas tribos, o rei Sebastião ia libertar as princesas e juntos iam ajudar os índios esta estória se espalhou entre as tribos os lanomâmis, Mundurucus Macuxí, Tamoios, Parintins, Manaús e outros.

Passados muitos anos, o livro foi queimado mas a mitologia continua hoje é o ciclo das sereias e cobra grande na Amazônia, querido povo do século 21, o índio é um povo com superstição, mas o que faz ele sonhar alto é a vontade de viver com liberdade, não ver seus filhos serem alienados por latifundiários, (donos de terras), o índio tem amor ao próximo posso comprovar, eu passei com eles por alguns anos, outra superstição é a história de Ajuricaba, esta não foi tirada de livro foi contada por pajé de fato, Ajuricaba foi preso acorrentado o corpo dele não foi achado, os índios dizem que ele foi libertado pelas princesas Turcas, e vai voltar para salvar seu povo, muitos sabem que é uma invenção mas eles acreditam para apagar suas marcas de um passado sofrido eles chamavam os Portugueses de demônio branco.

Querido leitor você que nunca morou com índio, quero falar um pouco deles, são artesãos, amo o que fazem, os adornos feitos de fibra clauará¹, sabemos que nossa arte vem deles, nós não avaliamos a importância que tem pra eles serem, chamados pelo Padre Antônio Vieira filhos da Santa Cruz.

Foi deste povo das matas do Pará, Ilha do Marajó veio o Ajuricabano Agostinho Quintino Batista, sua vó era índia da tribo Aruaque, seu pai um nativo da Ilha que morreu antes de eu nascer. Vou falar um pouco da Ilha onde nasci, segundo a história houve uma explosão a 5.000 anos atrás, no fundo do mar formando um recife bem alto dali se formou a Ilha de Marajó, os pássaros florestaram hoje é a maior ilha do mundo, possui 17 municípios, a parte norte é formada por campos nativos, onde tem a maior criação de búfalos, a parte sul é cortada por Paraná, rea fluvial meio de transporte  barco  da onde vem 50% da extração de a, sua população se aproxima dos 700.000 habitantes, quando eu tinha 07 anos foi picado por uma cobra fiquei aleijado, ficando até os 10 anos sem andar, foi viver longe de outras pessoas só minha mãe cuidando de mim, meu povo além de antagnico era selvagens eu aleijado mesmo assim eu seringava sonhava em saber ler e escrever, descia pra praia e desenhava, achava livros velhos eu recortava as letras e passei a copiar passado tempo eu lia e escrevia.

Com 70 anos eu pela primeira vez entrava numa escola, foi recebido pela professora Neila, que levou até a TV pra documentar meu primeiro dia, quando entrei na sala olhei os quase 100 acadêmicos, e a professora sorrindo para eles eu me imaginei escrevendo suas histórias 2015, já educador social várias conquistas, ganhei o prmio formando Novos Poetas, o fato foi registrado inclusive na Globo News, o meu trabalho teve a licença da Diretora Nacional da UMA para escrever o que acontecia nas suas aulas, eu comecei contando um pouco minha história e meus poemas. Um abrao Agostinho Batista o contador de história.

1 Clauar= fibra tirada da folha buriti

MINHAS HISTÓRIAS DO TEMPO QUE MORAVA SÓ NAS MATAS CONTADAS NAS AULAS DA DOTOURA NEILA

Seria ele o dono da mata? Sentado na raiz da grande árvore, eu um adolescente que dez dos 14 anos morava só, a tempos eu olhava o pássaro, se deixando passar pelo galho da goiaba da mata virgem suas malhas eram igual as penas do amante da lua, seu grito forte ao sair da lua mostrava quanto ele amava a natureza.

Eu sabia tantas histórias contadas pala minha mãe, a do pássaro da família dos Juruti da Amazônia 1957 os seringueiros tinham invadido as matas, mas não era tantos a destruição além do mais eles só extraio o leite das seringueiras.

Minha mãe já considerava um começo, nas suas histórias ela dizia no tempo da mata virgem o namorado da lua, tinha uma linda companheira juntos eles olhavam o nascer da lua cantando, mas nem todo nesta vida são flores, coruja a caçadora da noite veio e levou sua amada.

Agora ele vivia chorando, despertei da história olhei ao redor da árvore onde estava a ave sinistra, outros pássaros dormiam bem perto dele, a aranha rica com sua grande casa cercada de armadilhas para pegar outros insetos, a grande árvore que eu sentava na raiz, media mais de 50 metros de altura desde a rama.

Um casal de papagaios falavam numa linguagem diferente, talvez reclamando dos tiradores de árvores, para venda de toras, já tinha começado as derrubadas, mas ali nós estávamos longe, era mata virgem alguns metros estava o lago, sai quebrando algumas ramas para marcar a volta.

Cheguei na beira do lago era de uma beleza exuberante cascudos e jiju brincavam de pula-pula, os guarás decoravam as flores brancas da vitória régia, jacaré descansando nos capinais, as ciganas gritavam, a cobra verde tinha invadido seu ninho, eu foi lá botei a cobra pra correr falei com elas como se elas me ouvisse, eu disse o ninho de vocês é muito fraco a cobra joga em baixo, não adiantava elas não me ouviam voltei me sentei de novo na raiz, os pássaros da madrugada começam a chamar o dia, mamãe dizia que o cheiro da madrugada era diferente ali.

Eu sabia por que, a mata virgem começava a acordar, eu estava a espera que o leite completasse seu ciclo, mas tarde o sol aparece com lindos mantos dourados, dando prazer a vida na mata antro sagrado afastei um pouco do lago, no córrego tinha água fresquinha lavei o rosto aticei fogo o recipiente de barro começava vermelhar com o café tirei o biju, era desjejum do seringueiro solitário.

O barulho do pica pau batendo para tirar o cupim era forte me tira a tenção tempo, de fruta de longe se ouvia a festa dos macacos no bacuri pari, eu olhei a grande casa das formigas saúva mamãe dizia que eram as mas trabalhadeiras, ali era a mata virgem que

mamãe falava, era o mato grande árvores gigantes uma música linda não muito distante parecia que a natureza toda parava para ouvir.

Outros passarinhos chegavam era o uirapuru dando seu show, mamãe contava que o uirapuru era um menino tocador de flauta anhangá a mãe do mato, chamou ele pra tocar para sua filha curupira, ele não foi, ela ficou com raiva e transformou num passarinho, era tantas as histórias da mata virgem agora eu vivia a realidade, que ouvi tanto minha mãe contar ela que riscou seringueira desde os dez anos de criança até quase completar 70 anos.

A mata virgem era diferente das matas invadidas pelo homem não tinha toco de árvores tombada por ferramentas, não tinha sinal de queimada era a obra da natureza criada por Deus, onde os animais dominavam seus territórios eu olhei o João de barro construindo sua casa a cigana reformando seu ninho escangalhado pela cobra, o socó ia satisfeito com o peixe que acabara de pegar, olhei o caminho das formigas saúva bem limpinha a fileira de formigas trabalhadeiras com folha maior que elas.

As formigas são capazes de carregar duas vezes seu peso aí eu voltei o passado para história que mamãe contava, sobre as formigas, eu gostava tanto de ouvir as histórias da minha mãe, mamãe conta a história da formiga e a cigarra, no tempo que os animais viviam longe das maldade do homem seu reino era a mata virgem.

Na cidade dos insetos morava, as formigas saúva no verão elas trabalhavam dia e noite para o seu agasalho e alimentação no inverno, as chuvas começam cair os depósitos das saúvas, estavam cheios de alimentos lugar quentinhos pra passar o tempo gelado, no outro lado da cidade vivia as cigarras barulhentas mas preguiçosas suas melodias elas passavam o tempo cantando, eu pensei se fosse agora elas se davam bem, mas naquele tempo não tinha dinheiro, por isso não tinha ganancia, os animais e insetos caçavam seus alimentos, foi ai que chegou o inverno frio a cigarra bate na porta da formiga e pedem agasalho a formiga pergunta o que tu fazia no verão a cigarra disse eu cantava, então agora dança, disse a formiga trancando a porta, nisto as guaribas cantam eu lembrei a história que mamãe contara, do seringueiro que morava só, fiquei pensando eu também moro só, mas vamos a outra história da mamãe.

Nas guaribas, as guaribas era um barraco de seringueiro lá morava um senhor já chegando os 40 anos, não tinha mulher nem filho, sonhava casar com uma jovem bonita ele desenhava nas árvores como seria o rosto da mulher que ele sonhava para ser sua esposa.

Como dizia o nome do lugar as guaribas os arredores do barraco a tarde muitos bandos fazia cantorias nas grandes árvores, o seringueiro matava pra sua alimentação é a lei da selva ele só comia a carne do saboroso macaco assado sempre sobrava, ele mantinha no fumeiro pra não estragar, um dia ele chegou seu barraco estava limpo comida pronta roupa lavada, o seringueiro desconfia que uma coisa sinistra estava acontecendo.

No outro dia ele finge que vai seringear, mas fica à espreita para ver quem estava na casa dele, pra sua surpresa, a vasilha que os resto de guariba estava é jogado em baixo, o que estava dentro é transformado numa linda mulher, o seringueiro corre não dá tempo dela voltar, o que era antes ele pergunta seu nome ela diz é guariba! Eles ficam morando juntos, eu pensei talvez seja nossa semelhança

Mas voltando a mata virgem o vento começa a mexer os galhos das árvores fazendo toadas musicais, o tucano chamava chuva o nambu relógio assovia marcando a hora as saracuras anunciavam que vinha chover o mergulhão começa sua busca no fundo do lago eu despesco o cacuri tiro os peixe e volto pro barraco o rango estava garantido, mais adiante um filho de porco do mato mancando, eu levei pra cuidar o ferimento depois fazer ele achar o bando, sua mãe deve ter sido abatida por caçado um chumbo perdido acertou o filho, eu lembrei da história que mamãe contava, a mãe do mato que cuidava dos animais feridos.

Um seringueiro tinha uma espingarda de carregação marca pica pau, era tempo de frio nas matas pica pau, era espoleta a vista ai ela resfriava custava pegar fogo pra disparar, por isso o homem não acertava, onde era pra acertar o bicho saia ferido, por várias vez isso aconteceu até que um dia ele saiu para cassar as matas estravam brabas com o caçador.

Era aquele dia que se diz hoje o dia é da caça nada dava certo, o caçador estava desorientado na mata sem rumo até chegou numa estrada bem limpa ele notou que não foi feita por humanos, não era cortado o mato era arrancado desconfiado ele segue na estrada que seguia rumo o lago próximo do lago, ele vê uma fila de bichos mancando sendo lavados por uma criatura estranha de baixa estatura que parecia estar muito bravo.

A figura se aproxima do caçador pede a espingarda dele ele tremendo de medo entrega, o estranho fala pela primeira vez olha pra mim, o homem levantou a vista a criatura mostrou os animais doentes, conhece eles o homem concorda com a cabeça a criatura continua você com esta porcaria aleijou todos eles, a espingarda no chão a criatura continua eu sou a mãe do mato, vocês chamam curupira eu cuido dos animais, quero ver eles bem, você aleijou você vai cuidar deles até eles poderem procurar alimento.

Eu olhei o porquinho estava dormindo quem estava com fome era eu, tirei os peixe da brasa almocei junto com meus três cães, olhei o porco e disse temos mais um para alimentar, deitei na esteira de junco eu aprendi fazer com minha mãe era bom estar deitado nelas, ali não se comprava se trocava açúcar, café ou sal com pato galinha porco farinha nós tinha a mandioca na roça, as roças eram distante da onde eu estava as margem do lago.

Nas ladainhas os velhos comentavam nós só temos mata virgem, até o homem queimar e ver o fogo destruir todo, anos passaram eu volto ao mato grande acompanhado de um pesquisador botânico Samuel Soares de Almeida, nos lugares que o fogo passou

só estava as marcas da destruição, toco das grandes árvores cacos de vasilhas de barro ali morou avô pai neto todos seringueiros por más de 50 anos, preservando a mata virgem, eu levei o pesquisador para ver onde eram confeccionados os grandes fornos de barros, os agrida panelas o torrador de café todos destruídos pelo fogo, um fazendeiro mandou desmatar dois mil alqueire de matas, jogando os moradores dando lugar o gado mas o fogo queimou muito além sentamos no toco de uma grande árvore tombada por motor serra e falamos juntos aqui era o mato grande antes mata virgem, esta é a história verdadeira que vivida e contada na minha querida terra, que sonho em ser preservada.

FOI NAS AULAS DA PROFESSORA NEILA QUE REESCREVI A HISTÓRIA DO BOI DIAMANTE

Depois da tarde que entrei fazia arte, escutando histórias de Cobra Grande, o contato com o mundo mitológico passei a ler sobre a mitologia da Amazônia, eu já tinha escrito o livro lenda do poção e lendas Marajoaras.

Certo dia que cheguei da aula peguei tala de Miriti, passei a tecer um formato de uma cobra não saio bom o trabalho, mesmo assim passamos a dançar com ela nas aulas da UMA, foi aí que veio a ideia de fazer o boi bumba, visto ter feito alguns no Pará.

Passei a criar as toadas fuçar livros antigos em busca do boi bumba no Brasil, aproveitava quando a professora falava de mitologia da Amazônia escrevia o que me interessava.

Em 2017 passei a juntar latinhas vender e guardar o dinheiro, pintei quadros fiz arte vendi, mas não deu muito, eu precisava juntar 500 quilos de latinha só pra pagar os custos da música, aí veio a Pandemia, uma coisa melhorou pra mim não saía de casa, tinha mais tempo e a latinha que vendi a 2,00 passei vender a 6,00 ajuntei mas de 1000,00 deu pra pagar o custo das músicas.

Fiz algumas obras de artes vendi, comprei as pedrarias para os colares, artefatos e plumárias indígenas, faltava os vestes dos dançantes, eu tinha uma bateria elétrica que ainda não tinha usado, coloquei numa rifa teve o apoio do diretor da UMA, Luiz Neto e a professora Neila fiz 700,00, não deu pra pagar todo, mas ajudou, o boi e a cobra pronta levei para UMA, começou a dança do boi, depois de 10 anos, o acadêmicos da UMA está com o boi e a cobra pronta. Obrigado meu Deus.

O COMEÇO DA HISTÓRIA BUMBA

Não sei se tem brincadeira bumba mais velha, esta eu sei a data, em 1650 foi criada a Santa Casa de Misericórdia, de acordo com o livro de Arthur Viana lendo o Pará, a província do Pará, passava por conflitos entre índios e Portugueses, Belém não tinha hospital nem onde curar os feridos.

Foi então que as irmãs da misericórdia e os padres jesuítas, criaram perto do rio uma neste tempo periferia de Belém, um barraco coberto com palha de ubuçu assoalhada, com casqueira lá eles acudia os feridos, o delegado passou a mandar os negros que ele prendia e índio para ajudar na casa de misericórdia.

Eles pescavam e caçavam para o sustento dos doentes, um dia eles ganharam um boi de um fazendeiro, mas não mataram queriam ele maior, os índios levaram para lago próximo uma sucuri, a cobra era alimentada no lago um dia eles acharam a cobra e o boi brigando, eles separam os dois ai chega o São João as irmãs da misericórdia, queriam que seus amigos tivessem um pouco de diversão, e cada ano eles representavam os fantasmas da Amazônia mãe do mato lobisomem, caipora, sereia e cobra grande, naquele ano eles fizeram a briga da Cobra Joane e do boi Mandingueiro, depois fazem as pazes e dançam juntos, foi assim que nasceu o folclore dança do boi bumba.

HISTÓRIA DE JOANE (ILHA DO MARAJÓ) NA PROFECIA DE BANDARRA

Gonçalo Annes Bandarra, escreveu esta profecia em Trancoso Portugal nasceu em 1500 e morreu em 1556. Sua profissão sapateiro, Bandarra era um profeta mas ninguém acreditava, conhecidos dele, diziam era retardado, Gonçalo Annes, escreveu a profecia de Joane ainda em 1500, só chegou no Brasil em 1642 e foi reescrita pelo padre Antônio Vieira em 1644 logo depois o padre foi mandado embora do Brasil.

Foi destas profecias lidas pelas irmã da misericórdia, aos negros e índios que eles fizeram o lema do Boi Bumba, a profecia falava de três princesas Turcas que morreram no Brasil, num recife frente a ilha de Joane, de acordo com a profecia a sereia do mar as levou pro para o fundo do mar, lá elas viveram e passaram a defender os negros Índios e pobres brancos, seus emissários eram o boto malhado, a cobra grande e as sereias, falavam com a mãe do mato e juntos defendia seu povo.

O boi Diamante e boi Mandingueiro e a cobra Joane eu fiz baseado nas histórias de Genésio, um trovador do sertão, a fazenda do Monteiro, no livro dizia que o boi foi levado morto pro fundo do mar pela cobra ele e sua mulher, a vaca misteriosa foi no fundo do mar, assim nasceram diamantes nas noites de são João, ele vinha dançar com as crianças vamos ver as histórias na dança do boi mandingueiro e da Cobra de Joane, do artista e trovador Agostinho Quintino Batista, um compositor em Palmas.

LIVRO OS POEMAS DA VIDA

Poesias, trovas, contos e histórias contadas por velho acadêmico da UMA, Agostinho Batista. Nesta obra trago poesias e potocas¹ que saíram da minha imaginação:



POESIA I

VOU FALAR DE UMA CIDADE QUE O ARQUITETO PLANEJOU

No pilar da imaginação onde o poeta sonhou,
Suas praças, parques e bosque filosofando o perfume das rosas que alguém deixou
Poesia pra mim é a tenção dos limites que me acalma,
Trazendo revelações que tenho dentro da alma,

A coragem de viver tudo aprendi de graça
No meio dos girassóis que temos nesta cidade dentro das lindas praças,
Em Palmas aprendi que sorrir não é obrigação,
É um desejo da alma quando se faz boas ações.

Palmas de tantas Marias
Acordo todos os dias e canto a tua melodia,
Isso entra ano e sai ano eu me sinto iluminado,
Por que tenho uma família e sou cidadãos do teu estado.
Não quero que os meus versos sejam apenas lidos,

¹ Potoca-Histórias da imaginação, lorota, mentira

Os artigos quando escrevo uma poesia foi porque sonhei contigo,
No prenúncio da história nesta cidade cheguei,
Na tua universidade minha poesia declamei
Falando das lindas flores que nos teus bosques eu achei.

Obrigado Palmas.

POESIA II

UMA MULHER DE FIBRA

Senhor mestre e juiz nosso grande pai divino dai-me ideias e rimas e muita disciplina,
Quero participar das poesias Jose Gomes Sobrinho.
Perdido em minhas lembranças do que foi lá no Pará,
Já estava sem esperança do meu livro publicar,

Aí chega uma jovem pede para esperar,
Uma senhora simpática perguntou o meu nome,
Eu falei num fio de vós mas não falei o pronome.

Ela disse sou amiga me chamo Gilda Gomes
Eu olhei o nome do espaço estava na minha frente
Perguntei a recém chegada se os dois eram parente.
É Meu marido falou ela,
Pai dos meus 07 filhos
Um amigo e camarada escritor intelectual poeta por ofício,
Não perguntei, mas nada vi que estava difícil
Pensei mas não falei poeta é ser voluntario só sente quando quer, ela ousou um
temático eminentemente social falamos da cidade do espaço cultural.

Nisto ela olhou o relógio está na hora de eu estudar,
Quis perguntar onde mas não tive coragem, ela foi a esposa do poeta da cidade,
Mas ela completou, vou estudar, na UMA escola da melhor idade

POESIA III

DESAFIOS DE UM POETA

Amigo jovem de Palmas ouça meu parecer,
Não tenha medo de ser jovem nem medo de envelhecer,
É espantando a tristeza que vemos o tempo passar,
Da nossa juventude só fica o brilho no olhar
Juventude faz nossa alma transbordar ao florescer,
Da força física vê seu mundo em vapores nebulosos crescer

É sorrir, é sonhar, é amar, enfim é viver numa transformação da alma,
Quando passa do limite, a mamãe natureza te acalma
O tempo passa, já não fazia poesia todo dia,
Já não suporta a vida caótica da cidade o meu sonho envelheceu, a cidade cresceu

Caminho sem rumo para motivar a vida na rua só agonia é o inversão do dia o
espelho da alma só vê homem cansado
Saio pela rua dando bom dia,
Respirando culto como os minutos do dia,
Lembrei sou poeta, isso é todo poesia
Se perderam a paixão numa transformação,
Eu não era mutante, nem o que era antes virei ancião,
Olhei minha vida pedi compaixão

POESIA IV

MINHA MÃE FOI A RUA

Na poesia tem tantas coisas que desconheço,
Por não me levar a lugar nenhum,
Perguntei ao sabia sou poeta ele começa a cantar,
Perguntei a água sou poeta ela começa a vazar

Perguntei ao pica pau ele começa picar,
Perguntei a uma jovem ela só fez gargalhar,
Mas a rua tirou meu medo minha inocência vi gente morta, nas esquinas tortas
Nas ruas eu me escondia era noite, era dia este filho da Maria,

Agora ela estava morta não me defendia
O frio atacava a barriga doía,
Não tinha o que comer, pego o caco começo escrever,
As frases bendita na terra saia das palavras ditosas e a menina ria,
Eu era um poeta só ela sabia.

POESIA V

O TEMPORAL

Intricados misturados os galhos das altas árvores onde a curica se aguentava, nos prados o sol iluminava
Seus lindos raios dourados chegava até o regato.
Ramagens, cipós e folhagens, onde a cigarra gritava, ela anunciava
A chegada do temporal galhos e ramas a agitar, chuva chegou vamos prestigiar.

Gemidos da engenhoca parece que a pororoca,
Tinha subido para o ar árvore teimando ficar em pé,
Um clarão em seguida trovão,
Bagos grosso da chuva, tinha chegado o verão

Esparramando um cheirinho de coisas novas,
Trazido com a chuva do norte, dizem que ela traz sorte
No embalo da enxada o roceiro sonhador, sonha com seu amor a terra fértil na Mococa,
O pau da mandioca que logo vai germinar.
É farinha, é beiju é tapioca, é o filho da pororoca do trovão e temporal

POESIA VI

A ROSA

A rosa é uma flor mas podem ser o nome do seu amor,
Uma flor perfumada que alguém levou pra sua amada,
Ela jogou no caminho o tempo cobriu de espinho, este alguém depois pisou outro amor achou

Outras flores ele levou a saudade o tempo curou,

Mas não apagaram a marca que aquela rosa deixou
Rosa de cacho união de uma família buscavam as lembranças que alguém deixou
pra traz formosas alianças.

As rosas brancas é a esperança no canteiro do amor,
Momentos de ser feliz e você não aproveitou
As rosas vermelhas é certeza desejo o sedução,
A fortaleza do amor conquista de uma paixão
As rosas nascem da rama sempre coberta de espinhos,
Precisa que o jardineiro lhe tenha amor e carinho

POESIA VII

RIO TOCANTINS ONDE NASCEU

Era um valente guerreiro deslizando nas ladeiras,
Formando cachoeiras seca água com cores de véu dizem que caio do céu.

Foi o Tucano, ou humilde pavão, que pediu a longos anos, ou foi São João,
Para apagar as queimadas que queima sem compaixão

O certo que tu nasceu vieste das cataratas abriste clareira nas matas igual um pôr
do Sol, selvagem não respeitando passagem
A água mãe natureza ela te deu com certeza a força e a missão,
De ser o rio sustentável o pai da população.

Fontes que buscam energia onde tantos municípios te vê destemido, assim não
é simplesmente um rio são águas que mata sede no estado de Tocantins neste
querido Brasil
Desemboca na Amazônia Ilha do Marajó,
Das tuas margens vertentes que expirou o Carimbó,
De um gênio da nossa cultura nosso mestra Copejó

POESIA VIII

QUEM TE DEU SABEDORIA

Quem te deu sabedoria eu perguntei ao japim,

Quem te ajudou a construir um ninho perfeito assim,
Foi a mamãe natureza quem te fez a perfeição,
O amarelo do ouro o negro do meu irmão

A muitos anos atrás era um menino sapeca brincando com as pererecas,
Nas águas não tinha dono era um negro sem vergonha,
Todo dia fazia mangação do pajé ao folião, tu só temia o trovão,

Até o dia que mexeu com a temida mãe do mato, se banhando no regato,
Perto de onde morava era feia que nem o espanto, filha do Curuspanta macaca que
a mãe criava, no entanto sofria.
Mãe do mato esbravejou chamou o Curupira,
Ele chamou o saci Anhangá a mãe do riu quando chegou ela ria,
E pergunta a mãe do mato porque é ruim assim, transformaste o menino no filho do
japim.

Mas o passarinho que ela dizia, ser feio no mato foi o modelo da grande sabedoria,
Ele cantava, ele ria tecendo seus belos ninhos na beira dos grandes rios

POESIA IX

URUTAU O NAMORADO DA LUA

Era nas matas do Amazônia que o casal vivia ele era urutau, ela era a passarinha,
filha do seu pica pau.

Os dois amavam a lua com seu brilho de esplendor, a cheia trazia beleza, a nova
trazia amor, O minguante e crescente sorte do caçador

Eles passavam escondido nos galhos camuflados, numa noite escura

Ele perdeu a parceira, hoje ele a procura

É escura, é luar, a lua não tem o brilho de antes,

Quando tinha sua amante, os dois a casalar nos raios da lua brilhante.

Só dois ovinhos sempre cercado de espinhos, era sua produção se ia crescer o não,

Isso depende da sorte por perto andava a morte no bico do gavião.

POESIA X

O PARAZITA QUE CURA

O apuí é um parasita das matas desta Amazônia,
Não foi nascido da terra nem trazido por cegonha
Assim como tantos é um aproveitador apuí é um remédio indicado por curador,
Ele sara o torcicolo do homem trabalhador.

Ele nasce de semente trazida por passarinho,
Que procura as grande árvores para construir o seu ninho.
Nas fezes do passarinho a sementinha germina,
Formando uma grande árvore espremendo sua vítima,

Tirando a seiva que tinha,
Assim ela se torna dono daquele corpo que servia,
os passarinhos dando abrigo e conforto esta é a lei da selva quem vence é sempre
o mais forte,
Mas nós temos um Deus que escreve certo em linhas tortas.

POESIA XI

A CIGANA

A cigana é um pássaro da família de jacu, seusinhos
Em matos com espinhos tecido com garrancho exposto ao próprio destino.
A cigana é barulhenta os vizinhos que aguenta,
As margem dos grandes rios suas penas coloridas serve de fantasia.
Seus ovos saborosos é pouca a produção,
Como não cria em cativeiro a cigana está em extinção

POESIA XII

POESIA DO PEIXE BOI

Uma da madrugada o aninga ²enluarado

A água enchia quirana ele estava na beirada comendo broto da aninga há anos

² Aninga= planta de caule arborescente (*Philodendron speciosum*), da fam. das aráceas, nativa do Brasil (ES, MG, RJ), de sementes e raízes com propriedades anti-helmínticas, folhas lobadas, flores em espiga, protegidas por espata verde e de margens avermelhadas, e bagas amarelas; aningaíba, aringaíba.

acostumado

Na boca do tiririca a conhecida Ilha nova as marcas na aninga
Era a prova que peixe boi comeu lá,

Outras aningas mascaradas na boca do Guajará
Era a natureza mostrando seus viventes talvez em 2050 não tenha nem as sementes,
Daquilo que tinha dantes assim como foi extinta nossas preguiças gigante,

Peixe boi foi atacado pelo homem do arpão,
Depois mataram de tiro sem respeito a criação,
Hoje só em cativeiro, é um peixe em extinção

POESIA XIII

HISTÓRIA PARA BOI DORMIR

Os bichos eram o celular do seringueiro nas matas
Eles traziam notícias para nossa vida pacata
Aí vinham as FAKE-NEWS contada por Fortunato o caçador e pescador tinha
história para contar,
Era aventuras nas matas vividas nos seringais sua luta contra maldade trazida por
satanás o pescador por sua vez não deixava barato com seu arpão, caniço e flecha,
Obras da sua arte
A rede e a tiradeira todos da pesca faz parte.
A potoca é o passa tempo nos rios e seringais,
É a saudade da infância coisas que a vida nos traz
Mas junto vem a ganância, a mentira e a ambição,
Começa o desrespeito pelo trabalho do irmão,
Feliz daquele que tem o amor no coração
Pescador e seringueiro são gente simples e pobres,
Mas tenho coração nobre,
Por amar seu semelhante
E preservar na memória, a vida que tinha antes

POESIA XIV

AMOR

Amor de perto é querido longe mas estimado perto
Nos damos alívio longe, nos damos cuidado perto.

Hoje morando em Palmas
Um Bioma do serrado lembro do Marajó uma Ilha manejada.

É um sonho do passado deste
Velho seringueiro que aprendeu
Escrever com faca no madeiro

Se uma boa amizade você tem louve a Deus
Pois amizade é um bem todo amigo você deve cultivar
Como é bom quando se saber amar.

Na biblioteca da mente onde a memória me sobra,
Com respeito e amor dedico mais uma obra.

Sou filho de seringueiro, que nasceu lá no igapó
Numa cabana de palha, na Ilha do Marajó,

POESIA XV

VERÇOS BREJEIROS CONTADOS POR SERINGUEIROS

Nunca vi coqueiro macho, da cacho na raiz,
Quando a pessoa é mentirosa, não se escreve o que ela diz

Ver ouvir ficar calado, não dar com a língua nos dentes,
Pensar e falar pouco, é o que faz o inteligente,
Quando nascia um curumim, na Ilha do Marajó,
A primeira ação dos pais, era banhar ele no rio,
Para afastar o mal olhado, e afrentar os desafios.

PROSEANDO NA ESCOLA

CONTANDO POTOCAS

A CALÇA DA CURUPIRA

José da mata como era conhecido, só tinha uma calça era um toco, ele vestia a calça só pra passar na frente da casa da namorada que estava sempre na janela esperando aquele momento.

Chegava no porto do seringal ele colocava a calça no galho de uma árvore isso ele fazia por muito tempo, mas o inesperado aconteceu um dia ele chega no porto tinha uma figura estranha de um metro vestido na calça dele, quando a figura vê o seringueiro some levando a calça, para namorada ele contou outra história.

A namorada pergunta se ele não tinha calça ele disse, eu tinha menina, uma linda calça de linho, mas um dia eu cheguei no barraco tinha uma curupira de um metro, vesti a minha calça que foi até o pescoço. Ele olhou para mim e disse merda esta calça que fica boa em mim e fugiu com ela.

Foi o jeito que eu dei para conseguir com a namorada uma calça nova, para apresentar o namorado aos pais, teve que arrumar uma calça pra ele.

O malandro ganhou uma calça mole, mole.

O CASCO DO JABUTI

João Pereira da Cunha pescador apesar de contar mentira era trabalhador, era João tracajá neto do candiru. João Pereira a tarde água quase na reponta o pescador espera começar a enchente ele entra debaixo do mururé que vai engatar na árvore velha tombada era o lugar do tracajá se esquentar.

João escolhe um e dá o bote, o dinheiro do dia estava garantido, mas João tracajá era um potoqueiro contando vantagem um dia ele não pegou tracajá. Ele vendeu o porco do patrão olha a mentira que ele contou.

Tracajá disse que acordou altas horas da noite com um barulho estranho alguma coisa caindo na palha que cobria o barraco, ele corre vai ver o que era, era areia jogada por uma tartaruga que cavava para pôr os ovos.

Tracajá mata o jabuti grande e come com a mulher e seus 16 filhos deixa o casco no terreiro o porco do patrão que dava mais de 100 quilos, entra no casco e dorme o sono dos justos a água cresce e leva o casco com o porco dentro cera e o patrão acreditou.

Um abraço a os meus conterrâneos da ilha do Marajó.

Agostinho Quintino Batista (trovador da Amazônia)

AGOSTINHO E A ARTE EM SUA VIDA

Glauce Gonçalves da S. Gomes¹

Maria de Lourdes L. Macedo²

Conhecemos o senhor Agostinho na Universidade da Maturidade, campus de Palmas. Ele como sempre, envolve a todos com sua alegria e artisticidade, ou seja, um caboclo que ama a arte, seja ela musical, artística, pintura, artesanato ou literária. A arte também é produzida, acima de tudo, por uma necessidade de expressão, segundo Fischer (1987, p.20), “A arte é quase tão antiga quanto o homem.” Neste sentido, Duarte Júnior (1994, p. 136) complementa “A arte está com o homem desde que este existe no mundo, ela foi tudo o que restou da culturas pré históricas.” Ou seja, a arte é o belo criando o bom, e por meio das imagens dos trabalhos artístico trazidos pelo senhor Agostinho, pode-se perceber o quanto expor seus sentimentos nas pinturas, nos artesanatos é para ele, o ápice de sua existência.

Nas artes, ele expressa e mostra o grande amor pela ilha do Marajó, este chão que o viu nascer, crescer e hoje ele, saudoso de sua terra, atenua a saudade por meio das artes, demonstrando e relembando a natureza, os pássaros, os animais e plantas, enfim da riqueza da natureza da Amazônia. Os PCNs (1998, p. 21) colocam que “desde o início da história da humanidade a arte sempre esteve presente em praticamente todas as formações culturais.” Prova disto, são as artes desenvolvidas pelo senhor Agostinho, que é a arte da Amazônia que ele traz em sua essência, em sua vida. Defende a arte, defende o artista e defende o seu povo da ilha do Marajó.

Destacam os PCNs (BRASIL, 1998, p. 19) que “[...] A arte de cada cultura revela o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade.” A arte no campo educacional é uma proposta capaz de provocar mudanças no modo de o aluno ver o seu meio e nele agir, assim também é a proposta da Universidade da Maturidade em relação ao despertar das artes em seus acadêmicos, Agostinho é acadêmico da UMA e também promotor de momentos artísticos dentro desta instituição.

O artista usa sua obra para relatar o seu momento (tristeza, solidão, dor, alegria, saudade). A arte por meio de suas representações procura compreender as características próprias de um momento da sociedade e é uma forma de manifestação social. Na atualidade, em meio a inúmeras tecnologias existentes, segundo Fischer (1987, p. 231), “[...] uma das grandes funções da arte numa época de imenso poder mecânico é a de

1 Graduada em Pedagogia, professora pesquisadora na UMA. E-mail: glaucegomes@seduc.to.gov.br

2 Graduada em História, Mestre em Educação (UFT) Doutoranda em Educação (EDUCANORTE), professora pesquisadora na UMA-TO. E-mail: malutocantins@gmail.com

mostrar que existem decisões livres, que o homem é capaz de criar situações de que precisa, as situações para as quais se inclina a sua vontade.”

Tais reflexões nos fazem rememorarmos o período da pandemia do Covid-19, e no período de isolamento, muitas pessoas se apegaram as artes, visando sair da profunda tristeza pelas perdas e solidão. Situações como esta, faz com que as pessoas passem por um processo de transformação, mudando hábitos, conceitos, pensamentos, porém é indispensável que aproveite a liberdade para se expressar, e o artista, sendo livre, deve usar da liberdade para exercer o seu papel social. E o senhor Agostinho, usa de sua liberdade para expressar o seu grande amor pela arte e pela Amazônia, portanto, preservemos esta grande riqueza para o mundo.

O acadêmico da Universidade da Maturidade, Agostinho Quintino Batista, concluiu sua graduação na Universidade da Maturidade em Educador Político Social do Envelhecimento, mas como diz o professor Dr. Luiz Neto, a UMA só tem porta de entrada, senhor Agostinho continua um eterno acadêmico, pois também é um contribuinte para a alegria, e a arte estarem presentes por meio de seu campo de atuação artístico. A seguir, podemos apreciar momentos de tranquilidade e paz do senhor Agostinho produzindo sua arte, arte que inspira a vida, e transforma a existência a cada dia, pois as artes desenvolve a criatividade nas pessoas. Portanto, quem produz arte, sabe viver melhor.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: Arte. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1994.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.



1



2

1 Parasita flor que não destroem árvore, erva medicinal- conhecida como erva de passarinho
2 Tajá planta medicinal família da babosa, nasce nas árvores caídas nos troncos mortos.



3



4

3 Passarinho carahué da Amazônia- do canto melodioso em extinção ameaçado pelo contrabando
4 Casal de Tucano Araçari, não tem canto prologado como tucano comum, só anda em bandos



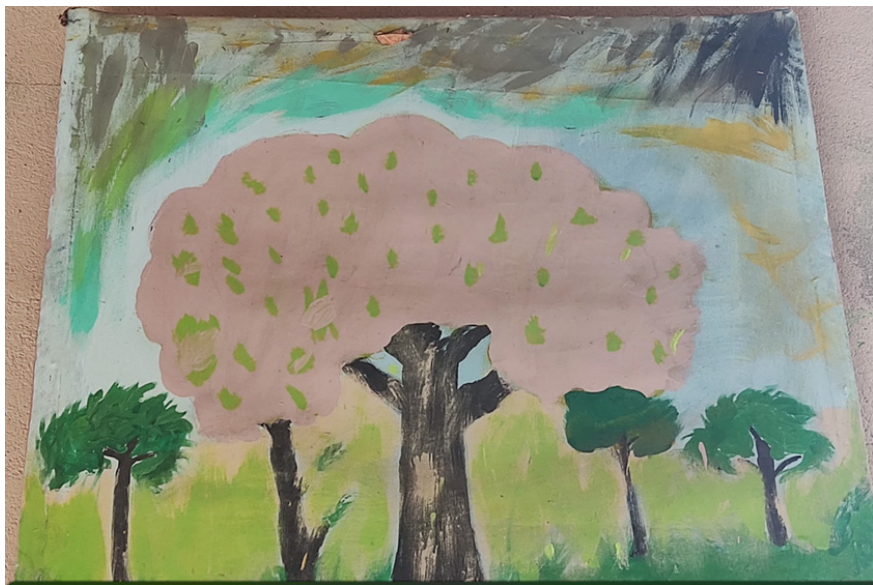
5



6

5 Tipo de Papagaio Amazônico conhecido por Curica ou Maracanã, que só come Açai

6 Lago do Jacuraru fica ao sul do Marajó, minha história onde morávamos, misturados a seringueiras e animais silvestres



7 Ipê roxo da Amazônia, árvore que atinge até 60 metros, utilizado na fabricação de barco e construções.
8 Nosso lindo Lago do Arari, no município Santa Cruz, donde está museu histórico Padre Giovanni Gallo



9



10

9 Vasos que representam mistura entre os escravos e índios a equipe de Soares de Almeida tentaram identificar, mas não foi possível foram encontradas enterradas na margens do Arari. Dava para armazenar até 100 litros de água, muitos quebrados. Denominados de Dornas.

10 Que posterior as dornas passaram a ser chamados de jarros, deixados pelos cabanos



11

11 Árvore rainha da Amazônia pelo seu gigantesco tamanho, ela guarda e distribui água para outras espécies.



12



13

12 Representa a música chulá, carimbó feitos por batuques, nossa música representa nosso povo.

13 Agostinho em sua simplicidade mostrando uma das suas paixões, a pintura.



14



15

14 Arte milenar, por meio dos Cesto, Tipóia ou balaio indígena da tribo Aruanã servia para carregar frutas e a cunha originária marajoara

15 Cuiá utilizada como utensílios doméstico e também como artefato de ornamentação.



16



17

16 Cesto aruaque da etnia aruaque.
17 Preparando Açai, sentado no chão



18



19

18 Norte do Marajó.

19 Norte do Marajó centro de mata, o resto é lavrado.



20

20 Lançamento de uma cartilha estilo canoa da Dr. Neila.



LENDA DA SAMAÚMA

Samaúma é árvore símbolo da Amazônia Espécie gigante que chega até os 70 metros de altura, suas raiz chegam ter 05 metros de altura e 04 de alongamento, mas não é só pelo tamanho que ela é conhecida sua casca é medicinal sua madeira é usado na fabricação de caixa nome lendaria samumeira os antigos gostavam de morar perto da grande árvores, eles diziam estar protegido pelos espíritos que moravam nos quartos formados nas tantas raiz lá também moravam animais, insetos répteis e ninho de pássaros. A árvore em contato com o vento emitia vários sons que os nativos diziam ser almas penadas. Devido a extração de madeira a samaúma está sendo extinta.



- 🌐 www.arenaeditora.com.br
- ✉ contato@arenaeditora.com.br
- 📷 [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)
- 📘 www.facebook.com/arenaeditora.com.br



- 🌐 www.arenaeditora.com.br
- ✉ contato@arenaeditora.com.br
- 📷 [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)
- 📘 www.facebook.com/arenaeditora.com.br